

Eu quero que você olhe para lá: a agenda midiática criada na cobertura dos crimes de Mariana e Paris pelo Fantástico¹

Felipe Collar BERNI²

Natália Denipoti de OLIVEIRA³

Gustavo Luiz Ferreira SANTOS⁴

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

Resumo

Tendo como base a hipótese da Agenda Setting, formulada na década de 70, e guiados pelo objetivo de debater os critérios de *noticiabilidade* presentes no editorial do Fantástico a respeito dos acontecimentos criminosos em Mariana e Paris em novembro do ano de 2015. A pesquisa busca compreender como esses atributos podem ajudar a criar um agendamento midiático na cobertura desses dois fatos.

Palavras-chaves: agenda setting; teorias do jornalismo; newsmaking; noticiabilidade; contra-agendamento.

Introdução

A presente pesquisa busca fomentar a discussão baseada na teoria formulada em meados 1970 pelos professores estadunidenses Maxwell McCombs e Donald Shaw quanto à possibilidade da formulação de um agendamento midiático, pelos meios de comunicação.

Utilizamos para isso o editorial presente na Rede Globo de Televisão, exclusivamente do programa *Fantástico*⁵, principal instituição de comunicação em número de audiência registrada do país, somando 15,1 pontos no Painel Nacional de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação e Multimeios da UEM, email: felipecollar@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação e Multimeios da UEM, email: natidenipoti@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação e Multimeios da UEM, email: guzferreira@gmail.com

⁵ Programa semanal veiculado aos domingos, criado em 1973, com o intuito de concentrar matérias com um maior grau de aprofundamento em temas que foram discutidos durante a semana, além de apresentar, tradicionalmente, dados e entrevistas exclusivas.

Televisão (PNT) no ano de 2015, segundo Feltrin (2016)⁶. Focamos na observação da cobertura do crime socioambiental ocorrido em Mariana (MG), acerca da ruptura da barragem de rejeitos de mineração e simultaneamente dos ataques terroristas de autoria do grupo intitulado de *Estado Islâmico do Iraque e do Levante*⁷ ocorridos em Paris, capital da França em novembro de 2015.

O objetivo é debater os critérios de *noticiabilidade* dos dois acontecimentos perante a grande mídia, da mesma forma, debater a oralidade, o tempo e a diversidade na forma pelo qual foram transmitidas as informações do ocorrido, trazendo para a análise critérios e interesses que foram possivelmente adotados para dar ênfase no crime em Paris, em detrimento do rompimento da barragem de Fundão em Minas Gerais, para assim verificar um hipotético agendamento na opinião pública brasileira. Para fundamentar a argumentação partimos de uma exploração documental e temporal nos acervos da Rede Globo disponibilizados no ambiente virtual; uma revisão bibliográfica quanto à discussão da formação da opinião pública, da hipótese da agenda setting e da teoria do *newsmaking*; além da realização de uma pesquisa quantitativa para a sondagem dos entendimentos da população sobre o ocorrido em Mariana.

Para nortearmos nossa pesquisa partimos do questionamento: de que maneira os atributos de *noticiabilidade* podem ter ajudado a criar uma agenda midiática referente à cobertura dos crimes no Brasil e na França.

A relevância em debater o tema surge da necessidade de compreender os fenômenos comunicacionais que cercam os acontecimentos, no que diz respeito à forma pelo qual foram transmitidas as informações referentes aos crimes, desde a emissão até o recebimento da mensagem, sem esquecer-se do papel fundamental exercida pelo meio, até as interações, *feedbacks* e debates oriundas desta transmissão. Outro ponto trata da visualização da forma pelo qual foi realizada a cobertura midiática pela Rede Globo, compreendendo e levantando possíveis interesses e parâmetros que podem ter sido adotados para a realização de coberturas tecnicamente opostas, desde a oralidade das informações até o tempo destinado a apresentação da mesma.

⁶ Cada ponto no PNT equivale a cerca de 240 mil domicílios, tendo cada um, em média, 3,3 habitantes (telespectadores).

⁷ Grupo formado por jihadistas muçulmanos ultraconservadores, que são conhecidos por defenderem fundamentos radicais do islamismo. Atualmente, o território do Estado Islâmico abrange parte da Síria e do Iraque, sob o comando do califa Abu Bakr al-Baghdadi, o líder do EI.

Trazer a discussão da hipótese da agenda midiática para a realidade brasileira faz com que haja uma democratização nas discussões referentes ao tema, no sentido de fomentar um maior acervo de conteúdos no ambiente da ciência, além da possibilidade de uma melhor compreensão e visualização das pesquisas feitas no início da década de 70 por McCombos e Shaw. Nesse mesmo sentido, o compreender e mapear os primeiros sinais da opinião pública quando se trata sobre os dois acontecimentos, haja vista que não é correto afirmar e pensar que a sociedade já possui uma opinião formada a respeito dos fatos, visto que a formação da opinião pública é um processo lento e se baseia em muitas interações. Como explana Pimenta (2007, p.07):

É possível afirmar que a formação da opinião de cada indivíduo, que culminará na formação da opinião pública e posição da esfera pública política, acontece num momento de fusão de informações. Cada indivíduo, de posse de seu repertório e subjetividade, toma conhecimento de um fato por meio da mídia e irá discuti-lo com sua família, onde cada membro também de posse de seu repertório e subjetividade, recebe informações da mídia e discute o assunto com outras pessoas. Eis a rede de influências discursivas que viabiliza e enriquece a formação da opinião.

A análise se justifica também no estímulo a uma formação de um pensamento crítico, alerta e ativo para com os meios de comunicação, na confirmação de que esses não são isentos de ideologias e interesses particulares, tão pouco o jornalismo possui caráter imparcial. Como debate Sponholz (2003), acerca da percepção da realidade e conclui que a mesma é sempre perspectiva: depende de quem observa, de quando, de onde.

Quando se observa a realidade, o homem a realiza sempre de maneira seletiva. O mesmo acontece com a mídia e o jornalismo. Não é possível noticiar tudo. Por tanto, existem aspectos da realidade que serão deixados de lado. Isto significa que os critérios de seleção utilizados pelos jornais são passíveis de discussão, mas o fato de haver uma seleção, não [...]. A objetividade absoluta, entendida como o conhecimento absoluto e total da realidade, não existe. (SPONHOLZ, 2003, p. 112-113).

Ademais, a necessidade de documentação por parte da ciência dos crimes acontecidos, uma vez para que não caia no esquecimento e outra para que a mídia (com suas parcialidades) não seja a única fonte para a história.

Conceitos de Agendamento e *Newsmaking*

Agenda Setting ou Agendamento é uma hipótese conceituada por Maxwell McCombs e Donald Shaw no início da década de 60. A hipótese pressupõe que os meios de comunicação de massa influenciam a médio e longo prazo o receptor sobre o que pensar, forçando a atenção do público para determinados assuntos, os leitores e os espectadores não apenas adquirem informações factuais sobre estes, eles também aprendem o quanto de importância devem atribuir a eles. “A mídia pode não ter sucesso maioria das vezes em dizer às pessoas como pensar, mas é surpreendentemente bem sucedida em dizer aos seus leitores o que pensar” (COHEN, 1963 p. 13).

Os jornais e os telejornais oferecem uma série de pistas sobre a importância que atribuem às notícias, através da seleção, disposição e frequência delas. Alguns assuntos são enfatizados enquanto outros são raramente ou nunca mencionados. Estas pistas repetidas continuamente comunicam efetivamente a importância de cada assunto. Dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina por excluir e incluir igualmente em suas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a seu conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de sua agenda. McCombs (2002, p.2) afirma:

o que nós sabemos sobre o mundo é amplamente baseado no que a mídia decide nos contar. Mais especificamente, o resultado dessa visão mediada do mundo é que as prioridades dos meios de comunicação influenciam fortemente as prioridades do público. Elementos proeminentes na agenda da mídia, tornam-se proeminentes na mente do público.

Assim, a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual, na agenda social, e até mesmo na agenda política, criando imagens e perspectivas de assuntos e figuras públicas nas nossas mentes.

Por sua vez a hipótese de *Newsmaking*, surgida dos estudos de Kurt Lewin em 1947, estabelece um conjunto de critérios e de relevância instaurando o potencial de cada acontecimento se tornar uma notícia (*noticiabilidade*). O mundo é constituído por uma abundância de acontecimentos, cabe ao jornalista selecioná-los, não adquirindo o status de notícia, permanecem simplesmente um acontecimento, para transformar o fato em notícia se deve cumprir três obrigações:

devem tornar possível o reconhecimento de um facto desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável. Além de elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada fato ocorrido a um tratamento idiossincrático;

Devem também organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada. Estas obrigações estão relacionadas entre si (TUCHMAN, 1977, p. 45).

Resumindo pode-se dizer que a *noticiabilidade* é um conjunto de critérios, operações e valores. Segundo Wolf (1985, p. 195) “esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”

Quanto mais um acontecimento contém esses valores, maior é a sua potencialidade de se transformar em notícia. Sem abandonar a ideia da detenção do poder de noticiar, utilizado pelas grandes Instituições de Comunicação para monopolizar as informações, o que Silva (2011, p. 256) explica como “a simultaneidade dos acontecimentos acelera a história, que passa a ser comandada pelos que detêm o poder do tempo, os donos da velocidade e dos discursos. Tal velocidade heterogênea, porém, é imposta ideologicamente”.

Com bases nos conceitos discutidos realizou-se uma análise documental dos acervos editoriais do programa “Fantástico”, da primeira edição pós-ruptura da barragem, do dia 08 de novembro, até a última edição de 2015, registrada no dia 27 de dezembro, e também analisando as edições do dia 6 e 13 de Novembro de 2016, que marcaram um ano da tragédia de Mariana e o atentado de Paris respectivamente. Para endossar a proposta realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de buscar em teóricos conhecimentos que fundamentam a pesquisa. Além de um levantamento de dados tirado das informações apresentadas pelo *Google Trends*⁸, no intuito de basear outra visão a respeito dos acontecimentos, com as pesquisas realizadas pelos usuários na plataforma *Google*.

Agenda midiática criada pelo Fantástico

As duas grandes tragédias ocorridas em novembro de 2015, foram editoriais excessivamente presentes na grande mídia brasileira, da mesma forma merecem atenção à maneira pelo qual foram abordadas, para assim compreendermos a hipótese que McCombs e Donald Shaw formularam.

⁸ É um raio X do motor de buscas Google que mostra a tendência das buscas e a quantidade de procura que certo termo teve em um período pré determinado.

No dia cinco de novembro houve a ruptura de uma barragem de rejeitos de mineração, localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, no município de Mariana, região central do estado de Minas Gerais. As consequências foram surgindo ao decorrer do tempo. Em questões de minutos, Bento Rodrigues foi soterrado por lama, matando mais de uma dezena de pessoas, deixando uma desaparecida, segundo a Polícia Civil mineira. O barro levou consigo culturas, histórias e monumentos do período colonial. A mineração vazada chegou ao rio Doce, ocasionando o aumento da turbidez de suas águas, afetando o abastecimento em cidades dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo e pondo em risco à fauna e à flora na área de sua bacia hidrográfica, segundo Oliveira (2016).

O rompimento da barragem de Fundão, controlada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo, a brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton, já é considerado o maior desastre socioambiental da história brasileira. De acordo com Oliveira (2016), tomando por base o volume de rejeitos derramados, entre 50 e 60 milhões de metros cúbicos, o acidente em questão equivale, aproximadamente, à soma dos outros dois maiores acontecimentos do tipo já registrado no mundo.

Na semana posterior, mais precisamente no dia 13 de novembro, segundo apuração do jornal Wall Street (2015), houve uma série de ataques terroristas na capital francesa de autoria do grupo intitulado Estado Islâmico do Iraque e do Levante, possivelmente em decorrência do fundamentalismo islâmico e por uma provável retaliação devido à participação da França na intervenção militar na Síria e no Iraque. Os fuzilamentos aconteceram em diversos pontos da capital como, nos arredores do *Stade de France*, nos restaurantes *Le Petit Cambodge*, *Le Carillon*, *Casa Nostra*, *La Belle Équipe* e no *Teatro Bataclan*. Pelo menos 137 pessoas morreram outras 350 pessoas ficaram feridas. Segundo historiadores, os atentados foram os mais mortais que ocorreram na França desde a Segunda Guerra Mundial.

Partindo dos acontecimentos é possível questionar e visualizar o papel da agenda na demarcação dos conteúdos a serem veiculados pela televisão. Agenda essa que Barros Filho (1995, p.173) discorre e afirma que ela possui caráter tanto social, quanto midiática e política:

fixar a agenda é fixar o calendário dos acontecimentos, é dizer o que é importante e o que não é, é chamar a atenção sobre um certo problema,

é destacar um assunto mesmo que se trate de um piada, é criar o clima no qual será recebida a informação. É fixar não só o que vai ser discutido, mas como e por quem.

Analisando os acervos do programa Fantástico, a edição do dia 8/nov. 2015, a primeira após a ruptura da barragem, dedicou uma reportagem de 08min19s para o caso. Por sua vez na edição após-ataques na França, quinze reportagens foram feitas para a cobertura do fato, totalizando 57min10s. Essa diferença de tempo, também é observada nas edições posteriores do programa, com o olhar na ênfase nos ataques terroristas em Paris, em detrimento ao crime socioambiental ocorrido em Mariana (MG), embasado na análise documental do acervo do Fantástico, nas edições do dia 08 de novembro a 27 de dezembro.

Tabela 1 - Relação do tempo destinado à cobertura dos fatos nas edições do ano de 2015;

Edições	Mariana	Paris
8/nov.	08 min e 19s	-
15/nov.	14 min e 50s	52 min e 08s
22/nov.	12 min e 03s	19 min e 25s
29/nov.	04 min e 51s	08 min e 33s
6/dez.	-	00 min e 46s
13/dez.	-	01 min e 31s
20/dez.	-	-
27/dez.	05 min e 57s	-

Fonte: Acervo digital do programa FANTÁSTICO, 2015.

Descartando-se a comparação entre tragédias, pois não é o objetivo desse estudo, ainda é observado um distanciamento entre a oralidade das informações e da maneira pelo qual foram repassadas. No caso de Paris, o discurso dos jornalistas e até mesmo as expressões corporais demonstravam emotividade e comoção enquanto nas coberturas sobre Minas Gerais apresentavam aparência impassível e discursos técnicos. Outro ponto é no tocante sobre a forma que era exposta às pessoas afetadas pelos crimes, no caso as vítimas de Paris receberam um enfoque especial no intuito de levar o público a conhecer seus nomes, suas histórias e até mesmo sua família, enquanto as de Mariana foram tratadas meramente com estatística, sem ser nominadas.

Outro ponto essencial para a compreensão dos fatos é que a agenda criada pela mídia é a denúncia feita por ativistas sobre um distanciamento presente entre os discursos jornalísticos e os posicionamentos de órgãos técnicos especializados, de acordo com Oliveira (2016). A utilização dos termos “desastre ambiental”, “fatalidade”, “acidente”, pode ter criado um imaginário na opinião pública de que a

ruptura na barragem de Fundão foi por força da natureza e que nada poderia impedir seu rompimento, ao contrário do que as perícias afirmaram.

Newsmaking e os "valores-notícia"

A visível diferença de cobertura entre os casos de Mariana e de Paris, e a maior visibilidade ao último podem ser atribuídos entre várias outras coisas, a hipótese de *newsmaking*, que definem a *noticiabilidade* de cada assunto, ou seja, o potencial de um acontecimento se tornar notícia. Essa *noticiabilidade* é guiada por uma série de “valores-notícia” que foram conceituadas em cinco categorias por Wolf (1985).

Aqui iremos analisar os dois acontecimentos sob o olhar da primeira, a substantiva, que segundo o autor Wolf (1985, p. 200):

articula-se, essencialmente, em dois factores: a importância e o interesse da notícia. Afirmar-se que uma notícia é escolhida por ser importante ou interessante, não é suficiente explícito até se especificarem, posteriormente, os dois valores/notícia, explicitando a sua aplicação operativa.

Ambos os casos possuem entre seus “valores-notícia”: a capacidade de “entretenimento”, pelo fato de serem inusitados e inesperados; a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento, em ambos são altas; o potencial de evolução dos acontecimentos, que futuramente podem se desdobrar em novas matérias; e, o impacto sobre a nação, seja pela proximidade geográfica ou cultural.

Porém, o episódio de Paris, além do fator da “internacionalidade” possui um “valor-notícia” a mais, a do nível hierárquico dos indivíduos envolvidos: “quanto mais o acontecimento disser respeito aos países de elite, tanto mais provavelmente se transformará em notícia” (GALTUNG; RUGE, 1965, p. 68) um acontecimento na Nigéria não atrai tanta atenção quanto um na França, por exemplo, haja vista o pensamento, visão e “colonização” eurocêntricas espalhadas pelo mundo.

Google Trends e o agendamento reverso

A fim de visualizar em curto prazo as primeiras impressões do público referente ao episódio, buscamos a ferramenta do Google para auxiliar nessa observação. Segundo dados do *Google Trends*, durante o mês de Novembro do ano de 2015, a ferramenta de busca registrou mais de 897 mil pesquisas relacionadas ao atentado de Paris, já o desastre em Mariana (MG) resultou em mais de 14 milhões de buscas. Mas o que isso

significa? O agendamento da “*mass media*” não estaria surtindo efeito na agenda pública?

De acordo com a hipótese de agenda setting, os assuntos cobertos pela mídia, acabam sendo inseridos na preocupação da população. Em outras palavras, a agenda da mídia determina a agenda pública. Enquanto centenas de estudos focam como a mídia tradicional (TV, jornal impresso, rádio, etc.) molda a opinião pública, estudos mais recentes de internet e das redes sociais sob a perspectiva de agenda setting tem focado e testado a hipótese de agendamento reverso, ou então *contra-agendamento*.

Kim e Lee (2006) introduziram a noção de agendamento reverso, onde jornalistas respondem ao interesse público, e assim a agenda pública procede e influencia a agenda midiática. Nessa hipótese a internet, mais especificamente as redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, é os principais responsáveis por esse agendamento reverso.

Em um levantamento realizado em julho de 2016 pela internet com 182 usuários, 66,5% afirmaram terem se informado sobre o caso de Mariana pela internet, enquanto cerca de 30% se informam pela mídia tradicional. Isso significa que os dados do *Google Trends*, e o perceptível maior interesse da população no caso de Mariana foram o resultado de um *contra-agendamento*?

Através da análise documental dos acervos editoriais do programa “Fantástico” realizada anteriormente, percebemos que não houve exatamente um *contra-agendamento*, onde a agenda pública influenciou a midiática, porém podemos concluir que as redes sociais não seguem servilmente a agenda da mídia tradicional.

Um ano se passou

Mais de um ano já se passou após as tragédias. Nesse tempo investigações, auditorias, manifestações e “esquecimento” foram marcas registradas na cobertura realizada pela mídia.

Na primeira edição após a marca de um ano da ruptura da barragem de Fundão, o Fantástico apresentou uma única reportagem envolvendo o tema, foi no dia seis de novembro de 2016, intitulada como *Fantástico percorre o Rio Doce para analisar qualidade da água*, matéria assinada por mais de um jornalista (FANTÁSTICO, 2016).

O que se pode observar é a continuidade da mesma retórica envolvendo o tema, trazendo a ideia de uma catástrofe com autoria da própria natureza, que seria irreversível. O nome da empresa Samarco Mineração S.A. foi mencionada duas vezes ao longo dos sete minutos e 42 segundos de reportagem, logo no início, ao informar o nome da barragem e de quem ela pertencia; e ao final quando foi informado da criação da Fundação Renova⁹, criada pela própria Samarco para a condução dos processos de recuperação das áreas. Na primeira menção o tom da fala foi de colocar a empresa como vítima, pois teve sua estrutura completamente destruída, e por fim, na última, como generosa, no que diz respeito ao auxílio da reconstrução de Bento Rodrigues.

Outro ponto que é presente na reportagem e que coincide com o apresentado durante a cobertura sobre a tragédia em Mariana durante todo o ano é da investigação por parte da Polícia Federal e do Ministério Público sobre os acontecimentos. Mas novamente não traz o nome da empresa que já foi condenada em outros inquéritos como causadora desse crime socioambiental. A reportagem traz em si, informações de como a fauna e flora foram atingida pela turbidez das águas do Rio Doce, ocasionadas pelos rejeitos de mineração que chegou ao leito do rio.

O silêncio visto recorrentemente no editorial da Rede Globo em relação a apontar responsáveis pela tragédia em Minas Gerais traz o questionamento e fomenta a curiosidade dos *porquês* da falta de informação sobre esse ponto. O silêncio oculta, corrói, corrompe e censura tanto o saber, quanto o falar. No mesmo sentido, Cunha (2001, p.1) afirma que:

o silêncio também pode ser visto como ocultação do recalado/reprimido. Politicamente isto tem consequências. O silêncio (melhor, o silenciamento) é claramente antidemocrático. Pode também ser cumplicidade ou falta de coragem: "Quem cala consente".

No mesmo caminho, na semana posterior completava um ano dos atos terroristas em Paris, capital da França. O Fantástico levava aos telespectadores em pouco mais de seis minutos, no dia 13 de novembro de 2016, uma reportagem com relação à reabertura da casa de festas Bataclan, onde dezenas de pessoas foram mortas em novembro de 2015. A própria chamada da produção já traz o ideia da forma pelo qual foram conduzidos os trabalhos quando se tratava da tragédia na França, *Reabertura do Bataclan um ano após ataques mexe com franceses* (REABERTURA, 2016). Num

⁹ Tem a missão de implementar e gerir os programas de reparação, restauração e reconstrução das regiões impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão, localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana, Minas Gerais.

sentido emotivo a repórter trazia informações neste mesmo sentido, em chocar e emocionar o público que a assistia. O uso de palavras consideradas expressivas como *atentado*, *chocou*, *terroristas*, *assassinato*, *terror*, foram usados majoritariamente nas reportagens para testemunhar e informar sobre os atos, durante todo o ano.

Uma parte significativa da cobertura foi em trazer imagens de cerimônias de memória/lembranças, de homenagens às vítimas, que foram lembradas e nominadas. Recursos esses que não foram utilizados na grande maioria das vezes, quando se debate a cobertura dos desdobramentos da tragédia em Mariana.

De uma maneira geral, os momentos pontuais que eram retomados esses assuntos no ano de 2015, às características na cobertura foram mantidas. Um distanciamento na realidade da catástrofe que atingiu o subdistrito de Bento Rodrigues e que suas consequências chegaram até o Oceano Atlântico; uma distância na busca de relatos de moradores, de familiares das vítimas fatais e das autoridades. Enquanto éramos levados “para dentro” dos atos terroristas em Paris, conhecendo detalhes, nomes, histórias e dados.

A frequência na reprodução dos fatos ainda hoje na grande mídia traz muito o simbolismo, espécie e constância de tragédias acontecidas nos países. Os desdobramentos sobre a barragem de Fundão se faz mais recorrente, tanto pela peculiaridade do ato não ser algo recorrente no cotidiano brasileiro. Por sua vez atos terroristas continuam recorrentemente a assustar mundo afora.

Nesse sentido, o tempo de um ano que se passou traduz as características que encontramos na cobertura de novembro de 2015. A constância delas pode ser a exceção.

Considerações finais

Por fim, é notável que houvesse a criação de uma agenda por parte mídia perante os acontecimentos, porém é errado afirmar que houve um agendamento na opinião do público, visto o curto espaço de tempo das fatalidades. O que pode ser observado é que tragédia de Paris tomou mais espaço pelo critério da *noticiabilidade* do jornalismo, definidos por Traquina (2008) como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico; isto é, possuir valor como notícia, seja pelo apelo terrorista, internacional ou grandeza numérica. Com base nas observações documentais outro fator é ligado a interesses políticos, visto que a tentativa de

diminuição do tempo na cobertura sobre Mariana tem relação com o fato de a empresa Samarco, uma das responsáveis pelo acidente, ser uma das empresas parceiras da Rede Globo.

Num levantamento realizado via internet com 182 usuários em âmbito nacional, realizado em julho de 2016, podemos ter indícios de como a opinião pública absorveu as informações apresentadas pelos meios de comunicação. Quando perguntados sobre o que foi o ocorrido em Mariana, 90,1% dos entrevistados afirmaram se tratar de um crime ambiental, enquanto 7,7% o consideraram como um acidente, já 2,2% dos participantes não soube definir. Sobre a responsabilidade da Samarco, 98,9% acreditam que a empresa deve sim arcar com as consequências, já 1,1% enxergam de outra maneira. Quando questionados por qual meio mais utilizou para se informar sobre a tragédia, 66,5% afirmaram que foi pela internet, 30,8% pela televisão, 0,5% pelo rádio e 2,2% por outras plataformas de informação.

Desta forma, respaldado no levantamento acima e nos dados fornecidos pelo *Google*, vemos que a televisão passou a dividir o protagonismo da informação com outros meios e com isso a agenda criada pela Rede Globo não se tornou tão efetiva, da forma que se esperava, haja vista que foi concentrada majoritariamente na própria televisão, impulsionada pelo monopólio em emissoras afiliadas ao Grupo Globo¹⁰. Uma vez que na internet existe um maior pluralismo de visões e informações favorecendo uma maior democracia informacional e criando assim uma barreira no agendamento neste meio.

No contexto atual de grande fluxo da informação e com o advento de novas tecnologias e meios de comunicação, ainda não presente no período que a hipótese foi criada, se faz necessário uma “atualização”, revisão e uma reformulação na pesquisa central envolvendo a Agenda Setting, começada por McCombs e Donald Shaw, para suprir as demandas e atingir mais precisamente o cotidiano do século XXI. Uma boa inspiração para os cientistas surge na pesquisa sobre a existência ou não da possibilidade de se pôr em prática o agendamento em outros meios, como a internet.

¹⁰ Grupo Globo é o maior conglomerado de mídia do Brasil e América Latina composto pela TV Globo, Infoglobo, Editora Globo, Sistema Globo de Rádio, Som Livre, Globosat, Globo.com, Globo Filmes, Endemol Globo, Globo Condé Nast e Zap, segundo dados oficiais.

Referências

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na Comunicação**. São Paulo, Moderna, 1995.

CUNHA, Tito Cardoso e. **O Silêncio na Comunicação**. Lisboa, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-tito-cardoso-silencio.pdf>> . Acesso em: 26 abr. 2007.

DALTON, Matthew; HOROBIN, William; LANDAURO, Inti; VARELA, Thomas. Seven Militants Led Deadly Paris Attacks. **The Wall Street Journal**. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/paris-attacks-were-an-act-of-war-by-islamic-state-french-president-francois-hollande-says-1447498080>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

FANTÁSTICO percorre o Rio Doce para analisar qualidade da água. [s.i.]: Rede Globo, 2016. (7 min.), son., color. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/11/fantastico-percorre-o-rio-doce-para-analisar-qualidade-da-agua.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

FELTRIN, Ricardo. Crise econômica dispara audiência da TV aberta em todo o país. **UOL** Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/02/17/crise-economica-dispara-audiencia-da-tv-aberta-em-todo-o-pais.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The Structure of Foreign News: The Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspapers. **Journal Of Peace Research**, Oslo, v. 2, n. 1, p.64-91, 1965. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/423011?origin=JSTOR-pdf&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 30 jan. 2017.

GOOGLE TRENDS. **Pesquisas do ano de 2015**. Disponível em: <https://www.google.com.br/trends/story/2015_BR>. Acesso em: 31 jan. 2017.

HOHLFEDT, Antônio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 187-240.

McCOMBS, M. **The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion**, 2002. Disponível em: <<http://sticerd.lse.ac.uk/dps/extra/McCombs.pdf>>. Acesso em: 01 fev. de 2017.

McCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media.** Public Opinion Quaterly, n.36, p.176-187, 1972. Disponível em: <https://www.unc.edu/~fbaum/teaching/PLSC541_Fall06/McCombs%20and%20Shaw%20POQ%201972.pdf> Acesso em: 31 jan. 2017.

OLIVEIRA, Noelle. Desastre em Mariana é o maior acidente mundial com barragens em 100 anos. **Agência Brasil** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/desastre-em-mariana-e-o-maior-acidente-mundial-com-barragens-em-100-anos>> Acesso em: 30 jan. 2017

PIMENTA, L. M. ; **A formação da opinião pública e as inter-relações com a mídia e o sistema político.** In: II Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação e Política, 2007, Belo Horizonte. Anais do II Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação e Política, 2007. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_jp-lidiane.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017

REABERTURA do Bataclan um ano após ataques mexe com franceses. Paris: Rede Globo, 2016. (6 min.), son., color. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/edicoes/2016/11/13.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **Temporalidades em Imagens de Imprensa:** Capas de revistas como signos de olhares contemporâneos. Maringá: Eduem, 2011. 273 p.

SPONHOLZ, Liriam. Objetividade em Jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 21, p.110-120, ago. 2003. Quadrimestral. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3219-10593-1-PB.pdf >. Acesso em: 02 fev. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, G. (1977) - The exception proves the rule: The study of routine news practice. In: HIRSCH, P.; MILLER e KLINE, F. G. (Eds.) — **Strategies for Communication Research.** Beverly Hills: Sage.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 177-249. Tradução: Karina Jannini.

김성태 (Sung Tae Kim), 이영환 (Young Hwan Lee) 인터넷을 통한 새로운 의제 설정 모델의 적용: 의제 파급(Agenda-Rippling)과 역의제 설정(Reversed Agenda-Setting)을 중심으로. **한국언론학보(Korean Journal Of Journalism & Communication Studies)**. Seoul, p. 175-205, 2006.